

# Experiências com líderes migrantes latinos em Houston a partir da metodologia da História Oral: história engajada de resistência

**Érica Sarmiento**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

ORCID: 0000-0001-6133-4328

EM MAIO DE 2024, A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS VIVIDAS em primeira pessoa na cidade de Houston (Texas, EUA), tive a possibilidade de conhecer e entrevistar algumas lideranças migrantes de origem latino-americana, basicamente de países centro-americanos e do México. A proposta foi compreender não propriamente as migrações, mas os migrantes, como sujeitos sociais ativos dos processos migratórios. Eles não são agentes passivos de forças estruturais ou de fatores de “expulsão” ou “atração”, nem simples força de trabalho, mas se constituem enquanto sujeitos na própria experiência de deslocamentos, nos espaços de trabalho, na família, ou ainda nas formas de organização associativa e política e práticas de sociabilidade. A noção de sujeitos sociais e não de fenômenos sociais passa a ser o centro dos objetos de pesquisa, contrapondo-se às perspectivas estruturalistas que acabam tornando invisível a ação de homens e mulheres concretos.

Por outro lado, cabe também a análise das migrações nos Estados Unidos, a partir da ideia de subalternidade migratória. Entendo que muitos migrantes são marcados pela violência da dominação, dentro da proposta do capitalismo ocidental, e em decorrência disso, vivem um silêncio estrutural, de medo e de angústia, pela possibilidade de deportação. O sujeito subalterno tem voz e fala, mas não é escutado, é silenciado, como foram muitos ao longo de suas experiências migratórias. Entretanto, esse sujeito sem voz, marginalizado, só o é aparentemente, pois se faz escutar, habitando e construindo novos espaços de identidade e de resistência, onde se recupera sua voz, conhecimentos e práticas. O desafio se encontra na maneira de escutá-lo e de dialogar, e as formas de incorporação de suas vozes, relatos, conhecimento e experiências à reescritura da história e a sua reivindicação epistêmica.



Elas (as vozes) têm uma lógica própria e interna frente ao sistema hegemônico que trata de submetê-las: os sujeitos oprimidos falam, atuam e se conhecem por si mesmos, além da representação retórica que os aborda. Por isso, é importante deixá-los falar e tomarem as rédeas de sua história como forma de romper com o discurso predominante.

As subjetividades e narrativas dos sujeitos e sujeitas migrantes, seus testemunhos de vida acerca de suas trajetórias, desde a sua origem até a chegada aos Estados Unidos, possibilitou a compreensão das falas, analisadas a partir das ferramentas da metodologia da História Oral e da História e Emoções para analisar os afetos, os sofrimentos, as memórias traumáticas sofridas pelos migrantes, possuidores de uma memória individual, mas que não pode ser separada da memória coletiva.

Em relação à metodologia da história oral procurei, nas abordagens, criar empatia assumindo uma posição de escuta atenta que estabelecesse uma relação de confiança com os migrantes para logo chegar à subjetividade de suas memórias. Da escuta passiva à observação participativa durante as entrevistas, vi-me envolvida, entre risos e lágrimas, retornando às origens, ao passado e ao presente dessas trajetórias migrantes. Ao longo das entrevistas, as vidas e as histórias ganharam uma finalidade ao encontrar ouvidos atentos, ecoando os vínculos com outros espaços e contextos históricos, a consciência de ter suportado e compreendido muita coisa, proporcionan-

do-lhes alegria e, também, a ocasião de mostrar sua competência no espaço escolhido-ou não- para a ressignificação de seus projetos de vida. Cabe lembrar como tão bem ensina Alessandro Portelli, que o primeiro aspecto que torna as fontes orais diferentes é a sua capacidade de nos informar sobre os significados dos acontecimentos:

Pero el dato insustituible es que las fuentes orales imponen a la historia, com una intensidad más acentuada que las otras, la subjetividade del narrador (...) Informan no solo los hechos, sino lo que estos significaron para quien los vivió y los relata; no solo respecto de lo que las personas han hecho; sino sobre lo que querían hacer, lo que creían hacer, o sobre lo que creían haber hecho; sobre las motivaciones; sus reflexiones, sus juicios y racionalizaciones.

Importante destacar que cada entrevista foi previamente agendada e realizada de uma única vez, a partir de um roteiro que abrange questões gerais visando obter respostas particulares a processos coletivos como a vida no lugar de origem, as causas da emigração, a chegada no país de recepção, a vida na sociedade de acolhimento, a inserção socio-profissional, as dificuldades no processo de adaptação, etc. Embora essas tenham sido as diretrizes, o ritmo da entrevista foi dado por cada entrevistado obedecendo às suas emoções e desejo de fala.

Vale ressaltar, também, que ao se tratar, a maioria das entrevistas, de falas vinculadas a líderes migrantes, as

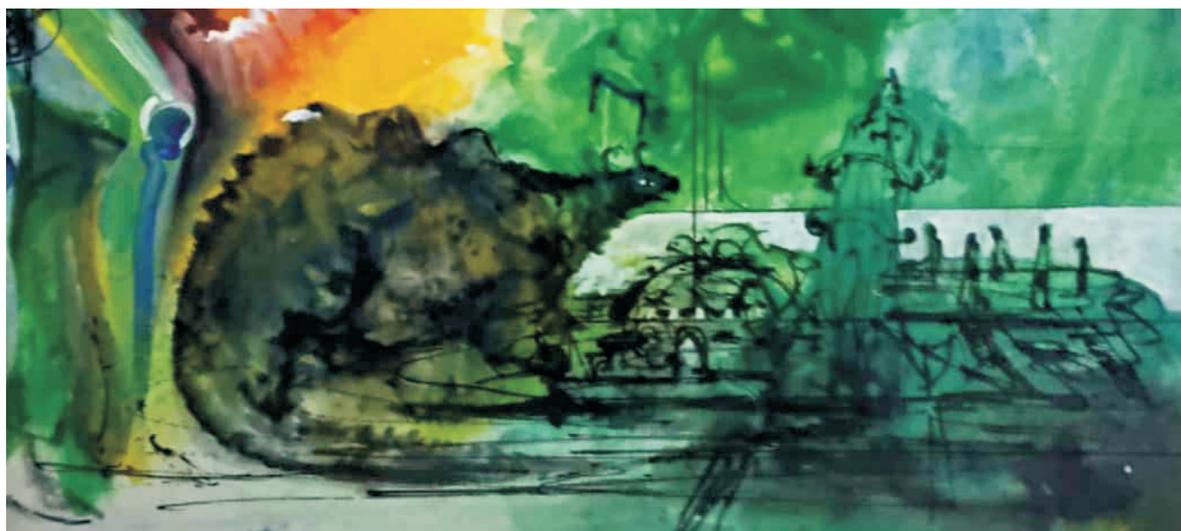


narrativas dizem respeito não somente às memórias individuais e a sua própria experiência migratória, mas também aos relatos vinculados aos espaços de luta coletivos e às organizações implementadas por esses migrantes. Com isso, temos um duplo relato: em primeira pessoa, o “eu” de quem emigrou, e na terceira pessoa, o “ele”/“ela” contada pelo próprio imigrante, que implica na sua atuação como líder em prol da sua coletividade.

Após a realização das transcrições, as entrevistas foram editadas para melhor compreensão do leitor e aproveitamento das experiências contadas pelos imigrantes. Cabe dizer que a edição de uma entrevista de história de vida é uma tarefa complexa, uma vez que o ritmo da memória é diferente da razão e por conseguinte não obedece à cronologia, muitos menos às normas gramaticais. Reuni as trajetórias das e dos migrantes para dar oportunidade de escutarmos suas vozes e refletirmos

sobre como as pessoas compreendem suas vidas e suas escolhas, como do presente pensam o passado, como em suas vidas particulares interpretam os acontecimentos históricos e os custos psicológicos destes em suas trajetórias.

Um conjunto de nove entrevistas compõe a primeira fase dessa pesquisa de base qualitativa, com o intuito de contribuir para reflexões sobre as problemáticas que incidem sobre as vidas migrantes, questões que são latentes nas migrações forçadas, como o cruzamento por terra da fronteira México-Estados Unidos, as violências sofridas pelos chamados corpos descartáveis e racializados, a desumanização das vidas e os abusos sofridos pelas mulheres migrantes ao longo do percurso migratório. As violências perpetradas pelos Estados em suas fronteiras da morte foram remarcadas nas falas, sempre carregadas de emoções, de sofrimento e de traumas.



**Mario Ortiz**, *Collage de eras y lugares*, 2023 (detalle).

